

POESIA ONDE NÃO TEM - Relatos docentes acerca de oficinas de fotografia realizadas com jovens

Thamy Lobo¹

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Marcelo Ferreira Machado²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

O presente ensaio busca retratar como as imagens/fotografias estão inseridas de modo relevante no cotidiano de diversas pessoas. E que essas pessoas não são apenas consumidoras, elas também produzem, criam e resistem através de um artefato secular: a fotografia. Diversos estudantes de comunidades cariocas foram convidados a participar de um projeto onde precisariam fotografar seus espaços cotidianos numa perspectiva poética e criadora de realidades, onde se tornassem poesias. No primeiro momento, as dificuldades de enxergar beleza foram um limitante no projeto. Viviam em meio ao caos, desordem, violência... difícil perceber potencialidades quando se está sempre à margem. O projeto “Poesia onde não tem” foi uma possibilidade de criações coletivas e individuais que valorizasse os ‘*espaçostempos*’ vivenciados por esses alunos, mesmo com tantos percalços. Trazer as imagens, tão usadas por esses estudantes, para as salas de aula, proporcionaram conversas acerca do capitalismo, das selfies, do que é belo ou não, das realidades criadas, das vidas que as pessoas levam nas redes sociais e muitas outras coisas. E ainda resultou numa exposição de fotografias incríveis, criadas pelos próprios alunos.

Palavras-Chave: Fotografia; Poesia; Comunidade; Escola.

¹ Mestranda em Educação pela UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Graduanda em Pedagogia pela UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Graduada em Letras pela Universidade da Cidade. Revisora e Docente na Associação Beneficente São Martinho. E-mail: thamy.lobo@hotmail.com

² Doutorando em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Processos Formativos e Desigualdade Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro / Faculdade Formação de Professores (UERJ/FFP); é professor de Geografia das redes de ensino do estado do Rio de Janeiro e particular; graduado em Geografia (Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ). E-mail: mar_chado@hotmail.com

POETRY WHERE IT DOES NOT HAVE - Teaching reports about photo workshops held with young people

Abstract

The present essay seeks to portray how the images / photographs are inserted in a relevant way in the daily life of several people. And that these people are not only consumers, they also produce, create and resist through a secular artifact: photography. Several students from Carioca communities were invited to participate in a project where they needed to photograph their daily spaces in a poetic perspective and creating realities, where they became poetry. In the first moment, the difficulties of seeing beauty were a limitation in the project. They lived in chaos, disorder, violence ... difficult to perceive potentialities when one is always on the sidelines. The project "Poetry where it does not have" was a possibility of collective and individual creations that valued the 'spaces' experienced by these students, even with so many mishaps. Bringing the images, so used by these students to the classrooms, provided conversations about capitalism, selfishness, what is beautiful or not, the realities created, the lives that people take on social networks, and many other things. And it also resulted in an exhibition of incredible photographs, created by the students themselves.

Keywords: Photography; Poetry; Community; School.

POESÍA DONDE NO TIENE - Relatos docentes acerca de talleres de fotografía realizados con jóvenes

Resumen

El presente ensayo busca retratar cómo las imágenes / fotografías están insertadas de modo relevante en el cotidiano de diversas personas. Y que esas personas no son sólo consumidoras, ellas también producen, crean y resisten a través de un artefacto secular: la fotografía. Diversos estudiantes de comunidades cariocas fueron invitados a participar en un proyecto donde necesitarían fotografiar sus espacios cotidianos en una perspectiva poética y creadora de realidades, donde se convirtieran en poesías. En el primer momento, las dificultades de ver belleza fueron un limitante en el proyecto. Vivían en medio del caos, desorden, violencia ... difícil percibir potencialidades cuando se está siempre al margen. El proyecto "Poesía donde no tiene" fue una posibilidad de creaciones colectivas e individuales que valorara los 'espaciostempos' vivenciados por esos alumnos, aun con tantos percances. Traer las imágenes, tan usadas por esos estudiantes, para las aulas, proporcionaron conversaciones acerca del capitalismo, de las selfies, de lo que es bello o no, de las realidades creadas, de las vidas que las personas llevan en las redes sociales y muchas otras cosas. Y además resultó una exposición de fotografías increíbles, creadas por los propios alumnos.

Palabras clave: Fotografía; Poesía; Comunidad; Escuela.

CRIANDO O 'POESIA ONDE NÃO TEM'

“Desde muito nova tenho um olhar atento a tudo ao meu redor. Isso é comum, alguém poderá dizer, mas quando menciono olhar atento, me refiro a um olhar especial para as coisas, como se tudo tivesse um traço particular, que merece ser visto. Em minha cabeça todos enxergavam o mundo dessa mesma maneira, até que fui crescendo e percebi que não era exatamente assim, que esse olhar atento significava uma sensibilidade e uma tendência para perceber poesia no que estava em minha volta. Eu vejo poesia onde não tem.”

Autora do Trabalho

Tudo começou com uma professora formada em Letras, que leciona módulos de Comunicação Oral e Escrita e Oficina de Textos, há 7 anos, em uma ONG que atende jovens em vulnerabilidade social e moram em comunidades do Rio de Janeiro e sempre busca levar para os encontros, atividades que despertem a criatividade, que proporcionem autonomia e que desenvolvam as suas múltiplas habilidades. Por ter crescido em um ambiente onde as artes sempre foram apresentadas, exploradas e incentivadas como a frequência em exposições, o estímulo a desenhos e leituras, diz carregar esses traços e os apresentar nas atividades com os jovens, sempre os incentivando a se comunicarem e se expressarem além do papel e caneta, através de conversas após a exibição de filmes, atividades de desenho, jogos teatrais, entre outros.

Sabemos que o fazer professor se dá muito além da formação que recebemos na graduação. Inicia-se muito antes e continua após a formatura. Segundo ALVES, as redes que formam o professor são muitas:

das *'prácticasteorias'* da formação acadêmico-escolar; das *'prácticasteorias'* pedagógicas cotidianas; a das *'prácticasteorias'* de criação e “uso” das artes; das *'prácticasteorias'* das políticas de governo; das *'prácticasteorias'* coletivas dos movimentos sociais; das *'prácticasteorias'* das pesquisas em educação; das *'prácticasteorias'* de produção e 'usos' de mídias; das *'prácticasteorias'* de vivências nas cidades, no campo e à beira das estradas (ALVES, 2014: 203)

A professora menciona carregar para os encontros com os jovens, as redes que as formam docente, não com o sentido de impô-las, mas que se teçam com as redes deles e que assim se sigam com as significações.

Em diversos projetos de pesquisa que foram se sucedendo, nos quais buscávamos compreender os modos como artefatos culturais diversos - livros infantis; xilogravuras; estandartes; televisão; vídeos; filmes etc - se articulavam com os processos curriculares e didáticos, através da ação docentes e discentes, íamos percebendo, modos diversos e complexos que os *'praticantespensantes'* da docência estabeleciam com a cultura, em seu sentido mais extenso. Encontramos nesses projetos, docentes que tocavam diversos instrumentos musicais e que trabalhavam com eles em suas aulas; outros que "amavam tanto cinema" que os filmes não podiam estar ausente dos processos didáticos que desenvolviam; alguns tinham feito cursos de teatro e incorporavam pequenas peças nas aulas ou iam a algum espetáculos com seus estudantes; outros gostavam tanto de ler que, houve um, que introduzia literatura "até em suas aulas de matemática". Contatos com professores de artes, então, era sempre uma descoberta! (ALVES, 2019)

Com a ideia criada a partir das redes das artes, foi proposto aos jovens uma atividade que escrevem sem usar o papel e a caneta, que usassem nossos olhos e um artefato que está sempre presente em suas mãos e fazem parte do cotidiano deles: o aparelho celular. Este trabalho se refere a essa oficina realizada por ela e intitulada: Poesia onde não tem.

Esse movimento surgiu após encontrar, em uma parede de uma universidade, a frase: "O analfabeto do futuro não será quem não saberá escrever, e sim quem não saberá fotografar" de Moholy-Nagy, pintor, escultor, artista experimental e professor da Bauhaus, escola de artes na Alemanha, uma escola pioneira, onde todas as artes eram apresentadas de maneira interligada.

Também Dondis, em seu livro *Sintaxe da Linguagem Visual*, fará referência a tal contundente afirmação, dizendo que:

a força cultural e universal do cinema, da fotografia e da televisão, na configuração da autoimagem do homem dá a medida da urgência do ensino de alfabetismo visual (...). Em 1935, Moholy, o brilhante professor da Bauhaus, disse: "os iletrados do futuro vão ignorar tanto o uso da caneta quanto o da câmera. (2007, pág. 4)

Identificou-se na frase de Moholy-Ñagy, além da urgência em trabalhar com algo tão essencial para os estudantes, ressignificando o uso de uma tecnologia tão querida para eles que é a câmera do celular, propor uma oficina em que fotografassem o seu cotidiano, algo que remetesse à paz e a poesia. As mídias permeiam todos os momentos da atualidade, utilizá-la no ambiente escolar é mais que necessário, ignorá-la é não dar valor a sua importância. Segundo, Fisher

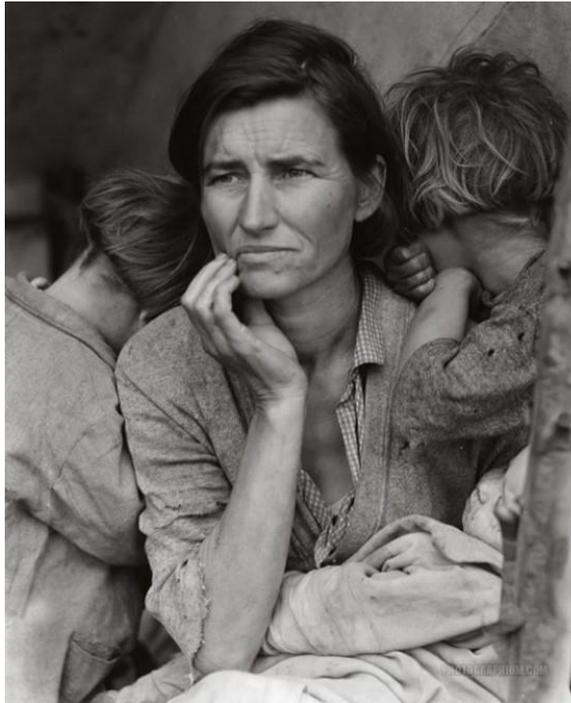
repetindo o que escreveu Stuart Hall, hoje, mais do que em outros tempos, a cultura está no centro, os amplos processos de significação adquirem uma força antes inimaginável; e, em termos mais amplos, essa circulação de sentidos corresponde a uma circulação política, econômica e financeira, através das diferentes mídias. Para realizarmos um trabalho pedagógico coerente com as exigências destes tempos, é necessário nos voltarmos justamente para o estudo da mídia (e da publicidade, de modo particular) como lugar por excelência da produção de sentidos na sociedade. (FISCHER, 2002, p.160)

O tema foi definido, primeiramente, devido ao fato de todos os jovens atendidos pela ONG morarem em comunidades ou próximos a elas, onde o tráfico e, conseqüentemente, os confrontos ocasionados pela disputa de poder e contra as autoridades, serem frequentes. Não se trata de negar o que encontramos a nossa volta, ou de propor uma exploração do caos, no sentido de valorizar situações de violência e pobreza, nem de enaltecer essas situações, mas de propor uma percepção do caminhar e da poesia que podemos encontrar nas nossas andanças, seja próximo a nossa residência, seja no trajeto até a instituição.

Os jovens receberam a atividade com muito entusiasmo. Foi apresentado a eles algumas fotos consideradas mais famosas dos últimos anos, que retratavam contextos políticos, históricos e sociais. Conversamos acerca das fotografias selecionadas. Muitos se atentaram ao fato de nem todas as fotos estarem esteticamente perfeitas, algumas estavam tremidas, outras desfocadas, e eles ressaltaram que o que importava era o registro do momento, e não a técnica em si.

Abaixo vemos uma das fotos apresentadas no encontro. Nela observamos uma mãe, Florence Owens Thompson, 32 anos, desolada por não ter comida

para alimentar os filhos. Jornalistas americanos passaram décadas tentando localizar a mãe e seus sete filhos. No final dos anos 1970 ela foi encontrada, não prosperara muito. Vivia em um trailer. Um ícone da Grande Depressão e uma das fotos mais famosas dos Estados Unidos.



Fonte: <http://virusdaarte.net/a-mae-imigrante/> Mãe migrante (1936).
Fotografia: Dorothea Lange

As conversas não se restringiram as técnicas da fotografia, houve muitos questionamentos e pesquisas acerca do que as imagens retratavam, ampliando a oficina para as significações sobre os contextos das fotos, apresentando uma maneira de se estudar onde a imagem não serviram para ilustrar um texto explicativo, como comumente é utilizado na escola, mas sim onde a mesma impulsionou uma interpretação e uma pesquisa acerca do que foi fotografado. A imagem era o destaque e não o texto. Encontramos a importância atualmente dessa forma de se pensar com imagens no texto de MACHADO (2001), o quarto iconoclasmo

Se parte considerável do mundo intelectual ainda se encontra petrificada na tradição milenar do iconoclasmo, parte também

considerável do mundo artístico, científico e militante vem descobrindo que a cultura, a ciência e a civilização dos séculos XIX e XX são impensáveis sem o papel estrutural e constitutivo nelas desempenhado pelas imagens (da iconografia científica, da fotografia, do cinema, da televisão e dos novos meios digitais). Essa segunda parte da humanidade aprendeu a conviver com as imagens, mas também a pensar com as imagens e a construir com elas uma civilização complexa e instigante. Na verdade, hoje estamos realmente em condições de avaliar a extensão e a profundidade de todo o acervo iconográfico construído e acumulado pela humanidade, apesar de todo os interditos, pois somente agora nos é possível compreender a natureza mais profunda do discurso iconográfico, isso que poderíamos chamar de linguagem das imagens, capaz de expressar realidades diferentes, historicamente abafadas pelo tacão do iconoclasmo. (MACHADO, 2001, p. 33)

Após a conversa, alguns jovens que costumavam fotografar propuseram um encontro para que eles repassassem para os outros algumas técnicas de fotografia com o celular, explicassem as funções que existem no dispositivo da maioria das câmeras dos eletrônicos. O interessante é que muitos deles se apresentaram como totais estranhos a essas funções, apesar de frequentemente tirarem fotografias, principalmente de si mesmos, as famosas *selfies*, não configuravam as câmeras dos celulares, desconhecendo a maioria das alterações que poderiam ser realizadas, até as mais simples, como alterar a câmera para que as fotos fossem registradas em preto e branco ou em sépia, não era de conhecimento de todos.

Isso não significa que eles não tivessem o costume de editar as suas fotos. Durante o encontro, onde alguns jovens repassaram as informações acerca dos dispositivos, houve muita troca acerca de aplicativos e redes sociais onde era possível alterar a sua foto, com filtros e aplicações de figuras sobre as imagens, mas a maioria não sabia como preparar a câmera, como melhorar a luz, como acertar a cor ou utilizar o temporizador.



Fonte: Acervo pessoal (2018) Foto realizada por uma jovem, segundo ela, representando o combate a intolerância religiosa.

Outra característica que podemos observar nos encontros foi à utilização das câmeras celulares, grande parte a utilizava para tirar fotos de si, com outras pessoas ou não, sendo para isso necessária a utilização da câmera frontal. Um jovem mencionou que muitos novos celulares eram divulgados a partir da potencialidade de suas câmeras, principalmente a frontal. Em muitos aparelhos dos jovens que participavam da oficina, a câmera frontal era superior à traseira, o que demonstra um retrato atual onde a *selfie* faz parte do cotidiano de muitos. A conversa nesse encontro seguiu para questões relacionadas ao capitalismo, a importância que se dá ao celular e as imagens reproduzidas por ele.

O interessante nessa parte do encontro, foi que a partir de pesquisas propostas por eles, descobrimos que a primeira câmera frontal de aparelho celular, lançada em 2003, não foi criada com o objetivo das pessoas se fotografarem. A empresa Sony, a primeira da história a fabricá-la, a desenvolveu com o intuito de fornecer uma ferramenta onde possibilitasse os profissionais que fizessem reuniões à distância, olhando uns para os outros. Só que partir das redes sociais, isso se modificou: fazer uma *selfie* se tornou a principal função desses aparatos. Muitos jovens nunca tinham pensado que existiam videoconferências, aproveitamos e realizamos uma, para vivenciarmos a experiência.

Imagem 1



Fonte: Acervo pessoal (2018). Próximo ao descarte do lixo, flores. Registro de uma jovem.

Outra questão levantada foi à importância do celular em relação a bem material. A maioria diz que o celular é o bem mais caro que possuem e temem o perder a todo momento. Como utilizam o transporte público para se locomoverem, não é raro, termos relato de um assalto ou furto, onde percebemos a tristeza provocada pela perda. Além da questão financeira, já que há uma dificuldade em repor esse bem, o celular funciona como um amigo. Segundo eles toda a sua vida está ali, e o perder é como perder um companheiro querido. Devido a isso, houve a preocupação da utilização do celular para realizar as fotos da oficina, alertavam uns aos outros de ter cuidado ao tirar a foto, para não expor o celular e acabar o perdendo. Combinaram de tentar realizar as fotografias próximos as localidades onde residem, pois na maioria delas, era proibido, pelos traficantes, o assalto e furto.

No terceiro encontro do projeto foi apresentado o conceito de prosa e poesia na literatura e como poderia ser realizado a sua empregabilidade na fotografia. Para isso (melhorar)

[...] enquanto a prosa literária tende a poetizar-se pelo uso de imagens, símbolos e ritmos, a poesia se aproxima cada vez mais da prosa literária pela renúncia aos esquemas métricos, rítmicos, estróficos. O verso-lirismo destrói a periodicidade do retorno fônico, o paralelismo sonoro, que caracteriza a poesia tradicional. O moderno conceito de poeticidade está centrado, mais do que em esquemas formais, num objeto ou numa realidade sentida e descrita artisticamente. (D'ONOFRIO, 2004, p. 25)

Uma jovem mencionou que as pessoas sensíveis eram bons fotógrafos, já outros só tinham o olhar prosa. Houve uma conversa acerca da possibilidade de se conseguir enxergar poesia para se produzir as fotografias e a maioria entendeu que com um olhar mais atento ao nosso caminhar, possibilidades de registros poderiam surgir.

Iniciado o projeto, a execução demorou a surgir. Os jovens costumam sempre responder as solicitações. Eles se dedicam aos projetos e possuem interesse nas atividades. Houve envolvimento em todas as etapas, mas a execução não fluía. Com o passar do tempo, percebeu-se que a dificuldade não estava na violência das ruas, nem no manuseio das câmeras dos celulares, mas sim no desafio de enxergar uma cena, ou um cenário montado que pudesse ser fotografado e visto como poesia. A maioria tinha contato com textos literários e fotografias de arte nas escolas, porém não mencionavam atividades em que fossem explorados a criação de arte. Não se sentiam capazes de produzir fotografias ou de perceber poesia, sentiam-se inseguros para fotografar.

A partir daí o projeto aumentou em proporção e foi ampliado para uma percepção de valorização do local que estamos inseridos. Sem que deixássemos os problemas e as questões a serem melhoradas, começamos a levantar todos os fazeres interessantes e bons no nosso cotidiano, além de todos os aspectos positivos da área em que cada um habita. Eles foram percebendo que, muitas das vezes, estavam cercados mais de momentos que valiam ser compartilhados que violência e começaram a ser mais positivos a se (lembrar) do seu bairro.

Uma só oficina não tem capacidade de mudar a autoestima e a percepção dos jovens, seria muita pretensão, mas foi interessante observar que a dinâmica dos encontros se alterou após a proposta. Ainda existiam os relatos de violência, ainda estava lá as questões importantes, políticas, mudanças necessárias e o senso crítico, mas começaram a se mesclar com relatos sobre a poesia encontrada naquele dia.

Uma oficina de fotografia é muito mais que mencionar um tema a ser retratado, além das ferramentas necessárias, é essencial que se trabalhe a percepção dos jovens acerca do que for retratado, não com o intuito de treinar um olhar, mas no sentido de incentivar a autonomia e a criação.

Imagem 2

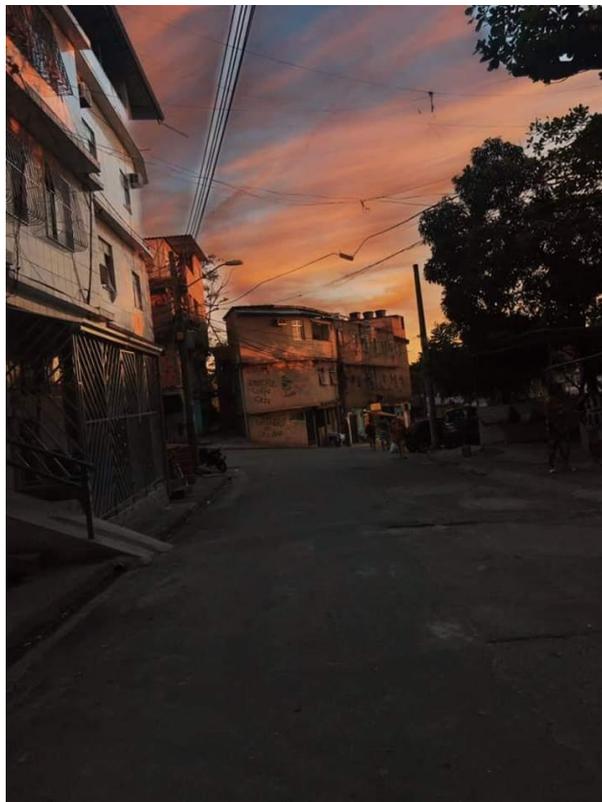


Fonte: Acervo pessoal (2018). Registro feito por um jovem em uma laje localizada em uma comunidade do Rio de Janeiro

No final do projeto houve a realização de uma exposição com as fotos realizadas pelos jovens. Ela fez parte de um projeto maior, uma amostra cultural, onde além das fotografias houve apresentações de danças, cenas

teatrais e poesia. Os jovens que participaram da Oficina fizeram questão de apresentar as fotografias aos jovens de outros grupos e aos visitantes.

Imagem 3



Fonte: Acervo pessoal (2018). Uma comunidade do Rio de Janeiro retratada no início da manhã.

AS REDES QUE NOS TECEM E OS COMPARTILHAMENTOS COTIDIANOS: A OFICINA EM UMA ESCOLA DE PERIFERIA NO MUNICÍPIO DE DUQUE DE CAXIAS/RJ

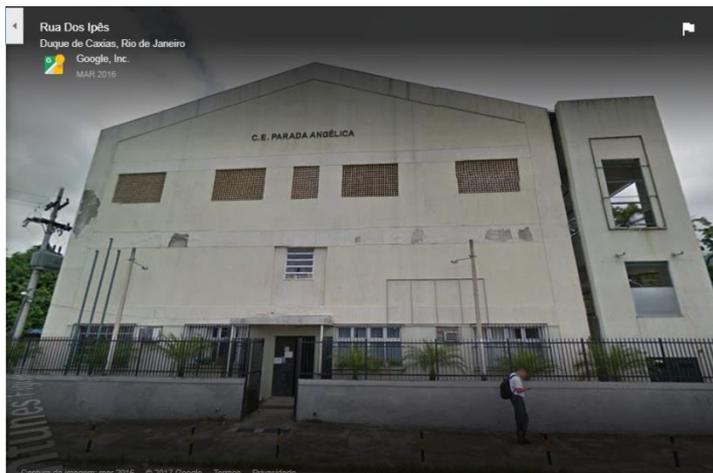
As trocas entre professores sempre existiram. E que bom, existem! Assim sempre (re)criamos aspectos importantes nas nossas práticas cotidianas e estamos aprendendo com outros que nos cercam. As conversas entre os corredores da pós-graduação, fizeram com que fossemos convidados a apresentar o “Poesia onde não tem” em uma escola pública estadual do Estado do Rio de Janeiro, no município de Duque de Caxias.

Aceitamos o desafio e fomos para a Baixada Fluminense conversar acerca de fotografias e sobre o lugar que ocupamos nesse ‘mundão todo’. O responsável pela Oficina foi o próprio *‘praticantepensante’*³ que já leciona com os alunos há alguns anos e trabalha nessa escola por volta de 5 anos.

O Colégio Estadual Parada Angélica (CEPA), fica localizado no 3ª distrito do Município de Duque de Caxias (Imbariê), no bairro homônimo, em uma região periférica que segundo os dados de IBGE sobre a educação, tem mais de 96% da população alfabetizada e mais de 120.000 alunos matriculados no ensino médio, no entanto, as notas nos programas de avaliação externa do governo são bastante baixas: 4,5 nos anos iniciais e 3,4 nos anos finais de escolarização no IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica).

Imagem 4 - Fachada do colégio Estadual Parada Angélica

³ Este modo de escrever estes termos, grafados juntos, em itálico e entre aspas simples e, frequentemente, pluralizados - tais como: *‘aprenderensinar’*, *‘prácticasteorias’*, *‘praticantepensantes’*, *‘espaçostempos’*, *‘conhecimentossignificações’* entre outros - é utilizado em pesquisas nos/dos/com os cotidianos e serve para nos indicar que, embora o modo dicotomizado de criar conhecimento na sociedade Moderna tenha tido enorme importância, esse modo tem significado limites ao desenvolvimento de pesquisas nessa corrente de pensamento.



Fonte: Googlemaps.com

O colégio reúne uma grande diversidade de alunos. O bairro de Parada Angélica é dividido em duas territorialidades, como dizem os próprios alunos: o lado do asfalto com casas simples, mas com acesso a bens necessários como esgoto, saneamento, entre outros, e o *'outro lado da linha do trem'* onde fica a comunidade, dominada pelo comando paralelo e com problemas de infraestrutura urbana, como falta de asfalto, esgoto, moradias extremamente precárias, etc.. A escola fica localizada no lado do asfalto, entretanto, recebe alunos e alunas dos dois lados do bairro.

O colégio faz parte de um segmento da SEEDUC que é chamado de Ensino Médio Inovador, que tem como características ser integral e ter ênfase no ensino de empreendedorismo, que funciona semelhante ao curso técnico. Para os alunos, além das disciplinas tradicionais são oferecidas mais quatro disciplinas que fazem parte desse currículo experimental do Governo do Estado do Rio. São as disciplinas de Empreendedorismo, Projeto de Intervenção e Pesquisa, Projeto de Vida e Estudos Orientados.

A Oficina, com o projeto "Poesia onde não tem", foi ofertada dentro da disciplina do Empreendedorismo, onde os alunos, como justificativa e embasamento para o trabalho, deveriam montar uma exposição do bairro onde vivem e moram, revelando aspectos cotidianos que muitas vezes passam despercebidos pelos nossos olhos.

Buscamos assim, aproximar os alunos da ciência e do cotidiano em que estão inseridos. Apresentamos correlações entre o que eles vivem e o que pode, deve e merecer ser visível, ‘conversado’ e fotografado. Dar visibilidade deles para eles mesmos. Tornando-os criadores de realidade, produtores de ciência e imagens. No início, as conversas rodaram ao em torno da região, que não merece ser vista, “não tinha nada ali que merecesse ser fotografado”, como diziam os alunos. No entanto, com bastante diálogo foi possível perceberem que se tratava de mudar o olhar deles sobre onde eles moram e não mudar o lugar para fotografá-lo. “A validade da ciência está em sua conexão com a vida cotidiana” (MATURANA, 2001, p. 30 *apud* OLIVEIRA, 2008, p. 29). Através dessa escrita do autor chileno, podemos observar o quanto ciência e cotidiano não podem ser tratados de modo dicotômico, muito pelo contrário, é possível e fundamental que encontremos respostas científicas nas nossas atividades cotidianas, que nos usemos desses caminhos para movimentar ações nos mais diversos ‘*espaçostempos*’, inclusive os escolares e os ao redor da escola.

Nesse pensamento, Maturana (1997) aponta os diferentes aspectos de uma mesma situação, como a existência de caminhos diversos que os observadores podem ter trilhado para chegar naquela visão. Assim, concordamos com os pressupostos de Alves (2012-2017) quando descreve a importância das nossas redes que nos entrelaçam. De acordo com as redes em que estamos inseridos, formando e sendo formado, cada indivíduo compreende os filmes de forma diferente, e nem por isso estão errados ou incompreendidos, apenas estão observando a uma situação por um ângulo distinto.

Entendíamos que todos aqueles alunos produziram fotos bem distintas e que viam belezas de forma muito subjetiva, pois compreendemos que todas as ações que se concretizam no/dos/com os cotidianos nos ‘*espaçostempos*’ escolares são possibilidades de tessitura de reflexões, saberes e ‘*conhecimentossignificações*’. Sendo assim, observamos o quanto às conversas foram importantes para que oficina se concretizasse. O ato de falar dos alunos,

nesse caso, era muito relevante, pois precisavam expor suas dúvidas e seus anseios.

Nesse pensamento, nos guiamos nos ensinamentos de Maturana (2001) para poder prosseguir com a Oficina e todo apoio necessário aos alunos. Ao longo da confecção do projeto, nos reuníamos algumas vezes com os alunos, para saber como andavam os preparativos, as fotos e as necessidades criadas pelas dúvidas do trabalho.

Maturana (2001) em seus apontamentos sobre pesquisas do cotidiano nos revela que é possível fazer conhecimento/ciência se utilizando dessas cognições humanas. O autor ainda acredita que estamos interligados com nossa pesquisa, que nas conexões por redes diversas alimentam nossas experiências e a troca dela, sejam por emoções, linguagens ou conversas, são importante para as validações das pesquisas científicas.

A experiência humana não tem conteúdo. Em nossa experiência, nós não encontramos coisas, objetos ou a natureza como entidades independentes, como nos parece na simplicidade da vida cotidiana. Nós vivemos na experiência, na práxis de viver seres humanos no fluir de sermos sistemas vivos na linguagem, como algo que acontece em nós e a nós à medida que linguajamos. Este é o motivo pelo qual ao explicarmos como cientistas nossas experiências como seres humanos, reformulando-a com seus elementos através da aplicação do critério de validação das explicações científicas, nos encontramos gerando a ciência como um domínio cognitivo que não nos coloca fora da experiência e que nos mantém na linguagem. (MATURANA, 2001 p. 154)

Nas pesquisas nos/dos/com os cotidianos, acreditamos como Maturana (2001), que não estamos distantes ou separados do nosso 'lócus' de estudo, somos partes integrantes, somos parte da experiência propostas. Buscamos assim distinguir qualquer dicotomia que possa existir entre o sujeito-objeto, entendemos que ambos estão correlacionados e são partes intrínsecas. E nesse viés, sendo assim usamos as *conversas* como possibilitadores, porque através das conversações é possível uma troca de experiências e ideias, que em uma entrevista ou questionário, não seria possível acontecer, devido às formalidades

existentes. O tempo todo reforçávamos para os alunos que eles eram parte integrante do processo, que a opinião, os afetos e os valores criados por eles eram importantes para compreender os signos da Oficina “Poesia onde não tem”.

Ainda sobre as *conversas*, Maturana (2001) acredita que fomentam e enriquecem as relações humanas, lemos o que o autor escreve:

Chamo de conversação nossa operação nesse fluxo entrelaçado de coordenações consensuais de linguajar e emocionar e chamo de *conversações* as diferentes redes de coordenações entrelaçadas e consensuais de linguajar e emocionar que geramos ao vivermos juntos como seres humanos.

Como animais linguajantes, existimos na linguagem, mas como seres humanos existimos (trazemos nós mesmos à mão em nossas distinções) no fluir de nossas conversações, e todas as nossas atividades acontecem como diferentes espécies de conversações. Consequentemente, nossos diferentes domínios de ações (domínios cognitivos) como seres humanos (culturas, instituições, sociedades, clubes, jogos, etc) são constituídos como diferentes redes de conversações, cada uma definida por um critério particular de validação, explícito ou implícito, que define e constitui o que a ela pertence. A ciência, como um domínio cognitivo, é um domínio de ações, e como tal é uma rede de conversações que envolvem afirmações e explicações validadas pelo critério de validação das explicações científicas sob a paixão de explicar. (MATURANA, 2001, p. 132)

Nas *conversas* então é possível uma maior aproximação entre ‘*docentediscente*’, tornando a relação de maior confiança, que facilita o diálogo. Os alunos se sentem mais à vontade e livres para falar sobre seus pensamentos. É perceptível, para alguns adolescentes, é muito difícil se expressar em público formalmente, no entanto, entendemos justamente que as *conversas* podem contribuir para essa ‘quebra’, deixando os alunos mais ‘à vontade’ para expor opiniões, narrarem ou trocarem as experiências. Larrosa (2003) escreve sobre isso:

Nunca se sabe aonde uma conversa pode levar... Uma conversa não é algo que se faça, mas algo no que se entra...e, ao entrar nela, pode-se ir aonde não havia sido previsto...e essa é a maravilha da conversa...que, nela, pode-se chegar a dizer o que não queria dizer, o que não sabia dizer, o que não podia dizer...

E, mais ainda, o valor de uma conversa não está no fato de que ao final se chegue ou não a um acordo...pelo contrário, uma conversa está cheia de diferenças e a arte da conversa consiste em sustentar a tensão entre as diferenças... (p. 212)

O tempo todo também, procuramos salientar aos alunos, que as fotos eram formas de expressão. E que podiam carregar muito dos gostos, vontades, desejos deles. As *conversas* serviam todo o tempo para que houvesse uma retomada ao tema e eles pudessem, enquanto aprendizes de fotógrafos, narrar suas experiências e suas aventuras.

APRESENTAÇÃO DAS FOTOS DOS ALUNOS

A confecção da exposição ainda está sendo feito, até a data da feitura desse relato, no entanto, os alunos já apresentaram algumas fotos clicadas por eles mesmos. As duas dúvidas mais intensas dos alunos foram: (a) o que existe de relevante e que merece ser mostrado num bairro como Parada Angélica? E (b) será que nós temos equipamentos necessários para a confecção das fotos?

Ao longo do período da Oficina, essas dúvidas foram muito conversadas, especialmente a questão financeira sobre os equipamentos. Muitos alunos, devido à questão socioeconômica, sequer tinham aparelhos celulares. Entretanto, em nossas conversas e acordos, ficou estabelecido que eles se dividiriam em grupos e se ajudariam mutuamente para que os alunos que não tivessem câmeras ou telefones celulares com lentes fotográficas pudessem usar emprestado aparelhos de outros membros do grupo.

A respeito ainda desse tema, debatemos também a instantaneidade dos lançamentos de novos aparelhos celulares, cada vez mais potentes, feitos para que os consumidores troquem rapidamente de aparelhos, pois os antigos já estão obsoletos. Assim, discutíamos um pouco a lógica capitalista vigente, que faz com que as pessoas trabalhem cada vez mais para conseguir bens materiais em detrimento de sua própria saúde. E outro ponto relevante que também foi pensado, foi a problematização do lixo ambiental, inclusive o radioativo, saído dos aparelhos celulares, que contaminam o meio ambiente e se tornam perigosos para a sociedade.

A participação dos alunos foi maçante, tanto na confecção das fotos quanto na apresentação dos relatos de como foi participar da Oficina e quais as sensações, afetos e experiências tiveram em todo o processo. Principalmente, como os alunos relataram, de olhar o bairro com outros olhos. Buscando sempre um ângulo ou um espaço diferente e merecido de ser eternizado por uma foto.

As fotos abaixo foram retiradas pelo aluno Ailson Romão, da turma 2003, do Colégio Estadual Parada Angélica:

Imagem 5



Fonte: Fotos de Ailson Romão

No dia escolhido para apresentação das fotos, nos reunimos todos numa sala, levamos alguns bolos, cafés e pães, para fazermos um café da manhã coletivo e projetamos as fotos na parede, através de uma Datashow. Cada grupo podia apresentar suas fotos, narrar suas experiências, contar como se sentiram ao tirar as fotos e comentar como foi participar da Oficina.

As fotos abaixo foram da aluna Thaiza Souza, da turma 2002, que comentou que o grande objetivo da vida dela é se tornar uma fotógrafa, e ter a oportunidade de apresentar suas fotos para a comunidade escolar foi uma experiência muito satisfatória, ainda mais do bairro ela nasceu e sempre viveu. A aluna comentou que foi necessário redescobrir caminhos por onde ela sempre andou.



Fonte: Fotos da aluna Thaiza Souza, da turma 2003.

As possibilidades criadas pela Oficina foram intensamente relevantes para os alunos e a maneira como lidavam com o bairro em que moravam. Os alunos tinham ciência do descuido do poder público, da segregação socioespacial e das violências do bairro que eram refletidas na paisagem vigente. Enxergar isso era comum a todos. Olhar com outros olhos, com sentimentos de afeto e de morosidade foi um exercício que a Oficina talvez não tenha efetivado em todos, mas que pelo menos trouxe para as conversas. Que ao menos, permitiu que os alunos tentassem ‘poetizar’ imagens das suas vivências cotidianas.

Um trabalho de fotografia possibilitou uma troca de informações políticas e sociais acerca de algumas fotos, aprendizado sobre como manipular câmeras de celulares, conversas sobre questões econômicas acerca das vendas dos aparelhos, uma atenção maior ao nosso caminhar e a percepção que enxergar poesia no meio de tanto caos que vivemos, é uma questão de sobrevivência, trata-se de resistir. Com câmeras, celulares ou com a captura do nosso olhar: Fotografemos!

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. **Práticas pedagógicas em imagens e narrativas** - memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje. São Paulo: Cortez, 2019.

D'ONOFRIO, Salvatore. Estrutura do texto literário. In: **Teoria do texto: Prolegômenos e teoria da narrativa**. 2.ed. São Paulo: Editora Ática, 2004.

DONDIS, Denis. **Sintaxe da Linguagem Visual**. 3ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FISCHER, Rosa. "O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na e pela TV". **Educação e Pesquisa**, São Paulo, vol. 28, n. 1, p. 151-162, jan.-jun 2002, disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022002000100011&script=sci_arttext, acesso em 07/06/2012.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro/RJ: ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), jan-abr 2003, (19). Disponível em: <<http://www.anped.org.br/rbe/edicoes/numeros-antecedentes>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

MACHADO, Arlindo. **O quarto iconoclasmo e outros ensaios hereges**. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.

MATURANA, Humberto. **Cognição, ciência e vida cotidiana** / Humberto Maturana, organização e tradução Cristina Magro, Victor Paredes - Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001

OLIVEIRA, Inês Bragança. Certeau e as artes de fazer: as noções de uso, *tácticatrajectoria* na pesquisa em educação. In: Nilda Alves e Inês B. Oliveira (Orgs.) **Pesquisas nos/dos/com os cotidianos das escolas** - sobre redes de saberes. Petrópolis/RJ: DP et Alii, 2008: 49-64